



Nuno Costa Santos

Vamos adiar a Autonomia?

“Devo dizer que este adiamento me causa perplexidade, até porque, nesta altura de guerra em que estamos (e no pós-pandemia), é legítimo ainda se pensar mais na necessidade de não estarmos dependentes de centralismos para crescermos - e nos protegemos”

Soube pelos jornais.

Ficou adiada para 23 de Março de 2023 a apresentação do relatório final da Comissão para o Aprofundamento da Autonomia, uma iniciativa da autoria do PS, do PSD, do CDS-PP, do BE, do PPM, do Chega, da IL e do PAN. Vasco Cordeiro, o presidente dessa comissão, criada em Março de 2021, justificou o adiamento com a alegação de que acontecimentos como as eleições para a Assembleia da República condicionaram os trabalhos.

Em Novembro último considerou que esta ocorrência não seria impedimento algum.

Devo dizer que este adiamento me causa perplexidade, até porque, nesta altura de guerra em que estamos (e no pós-pandemia), é legítimo ainda se pensar mais na necessidade de não estarmos dependentes de centralismos para crescermos - e nos protegemos.

Assuntos, dados como urgentes, como a revisão da Lei das Finanças Regionais e uma decorrente autonomia fiscal ficam por fixar, de modo estratégico, ou seja, envolvendo todos os partidos.

E tantos outros pontos dados como fundamentais para o nosso crescimento e a nossa autonomia - a possibilidade de haver partidos regionais, a extinção do cargo de ministro da República, a alteração da lei que estabelece o regime do estado de sítio e do estado de emergência, a consagração da possibilidade de o presidente do Governo estar presente no Conselho de Ministros em determinadas circunstâncias e a participação açoriana no que toca à política externa portuguesa.

Não será este último ponto decisivo, sobretudo nesta era de incerteza internacional e tendo em conta a nossa posição geoestratégica?

Pergunto: e a Madeira?

Irão os nossos irmãos insulares, com quem temos estado cada vez mais articulados nestes domínios, também irão adiar essas urgências? Conhecendo o fogo e a energia madeirenses, calculo que não.

Parafraseando o poeta, não se pode adiar a Autonomia.

A propósito do relacionamento ilhéu. Houve há dias, como é sabido, um evento em que Açores e Madeira, depois de terem estado durante anos de costas voltadas, mostraram-se dispostos a trabalhar uma proposta conjunta de alteração à Lei das Finanças Regionais.

Respeitando diferenças e reforçando as rimas. Fico feliz. As duas regiões autónomas podem colaborar mais - e há qualquer coisa no ar que me diz de uma crescente convergência.

Têm havido encontros nesse sentido. Dou o meu contributo. No próximo número da revista Grotta vai ser editado um dossier com autores madeirenses. Entre eles, Vítor Sousa, Maria Fernandes, Teresa Jardim e Davide Drumond Freitas. Nomes a seguir. Que nos seguem também - através de colaborações e convites.

Fico a saber também pelos jornais que o secretário regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural fala na necessidade de os Açores terem uma “soberania alimentar” - de não dependerem de produtos exteriores para a sua sobrevivência.

Leio também, agora na net, um artigo, assinado por Ludgero Faleiro, sobre o assunto, intitulado “Auto-sustentabilidade Açoriana”.

Começa por alertar para as consequências económicas da invasão da Ucrânia - a falta de alguns bens fundamentais e a subida de preços - para depois defender que a Região Autónoma dos Açores deve deixar a “monocultura da vaca e do leite” para se dedicar a outras actividades para, cá está, não ficar dependente do exterior.

Uma ideia do texto: “Creio que o milho, trigo, cevada, centeio como

cereais ajudariam, também, a sustentabilidade do arquipélago”.

É, igualmente, aludido ao facto de o preço do peixe no arquipélago estar muito acima da capacidade do bolso dos açorianos e de isso ser uma preocupação à qual não nos devemos submeter, com quem a encara como um dado inquestionável.

Sou bastante sensível ao último ponto do texto: o que se refere à produção de energia.

Lembra, por exemplo, o articulista que na Islândia - que considero cada vez mais um exemplo maior para os Açores nos campeonatos da educação, da cultura e do turismo - 80% da energia eléctrica é produzida pela geotermia.

E nós? Não vamos, tendo possibilidade para tal, no plano público e com uma iniciativa de privados, avançar pelo mesmo trilho?

Leio uma entrevista dada ao Correio dos Açores pela chefe Maria Guilhermina Reis, coordenadora da Investigação Criminal em Ponta Delgada, na qual, entre outras coisas, a agente diz que as drogas mais perigosas neste momento são as drogas sintéticas.

Alerta para o facto de serem cada vez mais consumidas e de gerarem surtos psicóticos, o que torna as pessoas paranóicas.

Fala como profissional e revela a sua preocupação como tia. Eis a preocupação maior nos Açores: as drogas, capazes de derrotar famílias.

É de reler a entrevista - que dá mais pistas sobre o assunto e formas de o combater.

A notícia foi celebrada e teve destaque na imprensa: Ponta Delgada passou à fase final do processo de escolha da Capital Europeia da Cultura.

Gesto difícil tendo em conta o potencial, por diferentes motivos, alguns deles económicos, dos concorrentes - da Guarda a Oeiras.

Estive ligado ao processo na sua primeira fase e agora vou contribuir para a causa através do Arquipélago de Escritores, a caminhar para a sua quinta edição.

Todos os eventos culturais açorianos, se cada vez melhor estruturados, ajudam a mostrar as potencialidades culturais do arquipélago.

No momento em que saio lembro um ponto: Ponta Delgada passou (também) porque faz parte de um arquipélago de nove ilhas.

Houve embaixadores da candidatura e residências artísticas em todas essas ilhas e uma publicação chamada 9 Bairros, destinada a reforçar o sentido de união. Só com o envolvimento de todo o arquipélago a cidade pode sair vencedora.

O Diário Insular deu destaque à matéria. Começa esta quinta-feira, em Angra do Heroísmo, mais uma edição do Smog - Festival de Poesia, organizado pelo Instituto Açoriano de Cultura.

Alguns destaques: a naturalíssima celebração de escritores como Marcolino Candeias, Santos Barros e Mário Machado Fraião, prova de que passaram a fazer parte da conversa literária açoriana das novas gerações.

A apresentação de livros como os de Alexandre Borges, Madalena Ávila e Leonardo.

Uma mesa sobre a poesia no feminino. E uma performance de Renato Cardoso chamada Missa Maldita feita da declamação de poesia erótica e satírica.

Sim, a literatura, aqui e em toda a parte, pode ser um prato picante.